

A polícia... perigo social

São inúmeros os conflitos provocados por essa corporação que, afirma-se, tem a missão de defender a vida e haveres dos cidadãos — a polícia. Várias vezes a Batalha, por ser o jornal que, inofensivamente, mais defende a segurança do povo contra todos os arbítrios, tem estigmatizado verdadeiras atrocidades, só próprias dos tempos inquisitoriais, praticadas pela polícia. E nos conflitos mais graves, naqueles que mais colidem com a sensibilidade de espíritos não embotados pela perversidade ainda campeante, nós temos presenciado que, ante os clamores indignados da população que vê em perigo a sua liberdade e a sua vida, o mutismo criminoso dos governos dá foros de legalidade aos mais condenáveis excessos.

Portugal — afirma-se — é um país civilizado. Lisboa, sua capital, é um espelho de civilização. Não obstante, facinorosamente, uma corporação de agentes da «ordem» traz em sobressalto a população civilizada, pelas agressões constantes em plena rua, pelo assassinio até, sem que alguém procure obter a repetição de barbaridades. A polícia que antes era inconveniente, tornou-se hoje um perigo social. O cidadão não pode, à noite, sair com sua esposa, porque se arrisca a vê-la presa e tratada como reles prostituta. Se protestar será insultado, agredido ou... morto. E tudo se faz impunemente. A boçalidade natural dum agente de polícia, que é recrutado entre a raia baixa camada social, juntou-se à *casse-tête* e a polícia era má; depois a pistola, e ela passou a ser péssima; por fim, apetrechada com o *casse-tête*, o sabre, a pistola e a espingarda, a polícia tornou-se numa horda criminosa. Prende, agride, julga, acusa e condena, e mata, se lhe apetece.

As esquadrões de polícia são antros inquisitoriais. Altas horas, a circunvizinhança das esquadrões é alarmada com os gritos e gemidos das vítimas sujeitas à tortura. Chega-se ao cúmulo de pendurar uma vítima pelo pescoço para se lhe arrancar a confissão de delitos não cometidos. A vida do cidadão está nas mãos do facinora que, para não ir degradado para África, se alista na polícia. Esse facinora-polícia agride, o cabo da esquadra concorda e o Governo Civil sanciona!

Além de si, e nos últimos tempos, a polícia tem já uma série grande de sinistros e nefandos actos: — Tem a cobarde execução de Guilherme Lima; o inesquecível crime dos Oliveira, em que, a frio, horrorosamente, foram arrastados dois rapazes para junto dum oliveira e fustigados; os assassinatos de Diamantino da Anunciação e de Domingos Pereira alta madrugada e com as ruas desertas, o que impossível tornava qualquer tentativa de fuga; o assassinato de um operário em Alcântara; a agressão de dois marinheiros na calcada da Glória, de que resultou a morte dum deles; aquele célebre combate entre polícias e praças da G. N. R., no Parque Eduardo VII, provocado pelos primeiros e de que resultou a morte não só de alguns dos contendores como dum pobre e inocente mulher; as agressões bárbaras contra os operários presos nas várias esquadrões há mais de 60 dias; enfim, um corolário que ofusca as proezas de qualquer das quadrilhas que figuram na galeria dos criminosos célebres.

A imprensa honesta, aquela que escrupulosamente não pactua com estes desmandos, começa a fazer coro conosco, protestando. Há dias, Lisboa foi teatro de mais uma selvageria da polícia: No Bairro Alto um polícia foi morto à facada; estabeleceu-se confusão, apareceu mais polícia e um homem foi preso como autor ou co-autor do atentado. Já quando seguia preso, esse homem foi agredido com um tiro que o perituro do peito às costas. Levado ao posto da Misericórdia, a receber curativo, foi depois conduzido à esquadra das Mercês onde o agrediram tão selvaticamente, para o obrigar a confessar o crime que ele afirmava não ter cometido, que teve de voltar ao posto a receber novo curativo. Foi o povo forçado a requisitar do Governo Civil o transporte do preso para ali a fim de evitar que a polícia o matasse. Pois a Batalha, não desconhecendo mais este crime da polícia, reservou-se para, depois de a outra imprensa relatar o facto dizer o

que se lhe oferecia. Hoje limitamo-nos a reproduzir as informações dum jornal insuspeito, *O Primeiro de Janeiro*, do Porto.

«Testemunhas presenciais do caso afirmam não ser o preso o autor do atentado, pois que o Amal foi preso na travessa da Espera, enquanto o verdadeiro criminoso se escapula pela rua do Norte, praça Luís de Camões e rua das Flores, sem que ninguém o perseguisse.

Será bom acentuar que os restantes guardas que acompanhavam o 1048 não assistiram ao seu assassinato e tinham subido a rua do Norte em perseguição dos que eles supunham fazer parte do grupo, tendo-se estabelecido geral confusão.

O Amal, um dos que fugiu, ou por fazer parte do grupo ou para se furtar como tantos outros às violências das polícias que, desorientados, disparavam à doida, foi agarrado naquela travessa por um grupo de populares, por julgarem ser ele o faquista, tanto mais que fugia sem chapéu.

Neste momento surgiu o célebre guarda o Vianinha, muito conhecido pela suas proezas, que sem mais delongas desfechou tiros à queima-roupa contra o Amal. E não contente com isto, aquele civico ameaçou tudo e todos, continuando a disparar mais alguns tiros, unicamente para afigurar os numerosos populares que o pretendiam linchar.

O Amal, depois de curado, foi conduzido para a esquadra das Mercês, que o povo já intitulou de «Tribunal do Santo Ofício» e uma vez ali foi bárbaramente agredido a cavalo marinho, sendo os seus gritos ouvidos por toda a vizinhança.

Cerca da meia noite o Amal, amparado por alguns civicos, jorrando sangue da cabeça e rosto, recebeu curativo no posto da Misericórdia, recolhendo novamente à esquadra.

Hoje de manhã, de novo interrogado, negou firmemente ser ele o autor do crime. Parece que só depois de ter sido alvo de novos maus tratos pelos guardas Vianinha e Sebento, este não menos célebre do que o primeiro, e ainda por outros guardas, o Amal acabou por dizer que sim, que tinha praticado o crime, que, segundo o testemunho de todos os que assistiram à desordem e presenciaram o esfaqueamento do 1048, não foi por ele praticado.

Vamos. Não somos nós quem desencadeia sobre a polícia uma campanha de ódios. É ela que pelos seus actos condenáveis concita a execração de quem não é degenerado. A população do país é que não pode estar sujeita ao posso, quero e mando de qualquer Sebento ou Vianinha. E, se ainda resta da parte dos que nos governam um pouco de pudor e de respeito pela segurança pública, essa polícia que nos mantém constante risco será removida como um verdadeiro perigo social. A não ser que a consigam uma afirmação de civilidade!

NO PARLAMENTO

Os espancamentos e as deportações foram veementemente combatidos pelo 'leader' da esquerda democrática

O novo governo presidido pelo dr. Domingos Pereira fez ontem a sua apresentação no parlamento.

Foi lida a declaração ministerial, documento inferioríssimo, vazio, onde sem brilho literário se conseguem alinhar palavras que não traduzem a mais pequena e insignificante ideia.

Uma passagem desse documento comprovativo da vacuidade dos homens que nos dirigem: «A suprema orientação que vai nortear todos os actos do governo emerge, como é natural, do estado em que se encontra, neste momento, a vida política do país. Por consequência, à sobre excitação das paixões, à conflagração das tendências excessivamente combativas, oporemos uma serena acção apaziguadora. Respeitaremos todas as justas reclamações e todos os legítimos direitos, fazendo da justiça a base da acção governativa, procurando estabelecer a acalmia necessária à realização da mais instante aspiração nacional.»

Depois diz que sim... e mais isto e mais aquilo, que será imparcial perante as eleições. Veja-se agora mais este trecho: «Entretanto, procuraremos honrar o regime, tratando de pôr em prática os critérios administrativos scientificamente melhorados e moralmente mais perfeitos. A altura da sessão legislativa em que nos apresentamos ao parlamento torna desnecessária a habitual indicação de medidas governativas, dependentes, no geral, de uma intensificação da actividade parlamentar difícil de obter agora, tanto por carência de tempo como pelo excesso de fadiga resultante de um largo período de trabalho já decorrido. Não fazemos, portanto, a pormenorizada enunciação das questões a resolver e das soluções a adoptar.»

E depois de nada ter dito, afirma que os objectivos governativos estão definidos. Leia-se:

«Estão, deste modo, claramente definidos os objectivos e os processos a empregar pelo governo. Pacificar na ordem política; moralizar e melhorar na esfera administrativa; reconstruir, de acordo com a experiência e por meios scientificos, no campo económico como no social, eis, em síntese, o que desejamos e pretendemos realizar.»

Foi muito combatido já o governo. O

CRÓNICA DE VIAGEM

A situação dos operários deportados em África

Ouvindo Bernardino dos Santos — Os deportados trabalham Como são tratados — Um jovem sindicalista de cinquenta anos...

Os deportados continuam na mesma, trabalhando com a maior regularidade. Pouquíssimos são os que não conseguiram trabalho. O próprio director das Obras Públicas, com quem ontem troquei impressões, me disse que eram bons trabalhadores fazendo-me o elogio das qualidades dum que se chama Julião de Almeida.

As principais obras, mórmente edifícios, que se encontram na Praia, foram realizadas com a mão de obra fornecida por alguns condenados que para aqui vinham noutro tempo.

Apenas não trabalham, com regularidade, por não terem trabalho, um manipulador de pão e um ourives; mas este, mesmo à porta da caserna do quartel, montou uma pequena banca onde concerta relógios e faz pequenas reparações em objectos de ouro.

Todos eles, pouco a pouco, se vão adaptando, embora com desabafos de revolta, e sem perderem a esperança na justiça.

Falam muito na família, nas mulheres, nos filhos. Nas horas vagas lêem, aguardando, no próximo paquete, as notícias de A Batalha.

Bernardino dos Santos já tem colocação. O governador, atendendo ao seu bom porte e as suas habilitações, consentiu em que ele, temporariamente, prestasse serviços, como funcionário, numa das repartições.

Falei-lhe ontem — ao Bernardino dos Santos. Mostra-se tranquilo, sereno, confiado em que lhe será dada uma reparação pela injustiça que contra ele cometeram.

Bernardino dos Santos, como sabem, não é uma criança, nem um inexperiente. É uma pessoa que conhece os homens, a vida, e já não tem aqueles ardores da juventude. Alimenta as suas ideias, mas sem violências, sem entusiasmos juvenis, e por tudo isto as suas palavras revestem-se de reflexão, de serenidade. Está, naturalmente, indignado, mas as suas palavras de revolta já trazem aquele tempero que conhecemos os que vão a caminho dos cinquenta anos.

Ignora porque motivo o prenderam e o deportaram, estranhando que nem lhe dessem tempo a provar-se de roupa branca e de algum dinheiro, como se fosse um agitador perigoso. Foi preso na própria repartição da Assistência onde presta serviços, e nem sequer lhe consentiram que se despedisse da companhia.

— Mas porque, a que pode atribuir esse procedimento das autoridades? — perguntamos.

— Não sei, não o compreendo, tanto mais que o próprio agente Xavier conhecia a minha vida socegada, e até conhecia que, mais ou menos nesta época, eu seguia para a Serra da Estrêla, a tratar da saúde combalada. Vim fazer a cura para a África...

— Conclui com certa melancolia. — Como pode um homem destes, que tantos republicanos reconhece nada ter com elementos mais violentos, e que não pode estar incluído entre autores de qualquer atentado, ser vítima dum erro que pode custar a sua morte? Eis o que me pergunto a mim mesmo, não sabendo se merece a pena sujeitar a sensibilidade dos polticos, este caso dum homem quasi velho, inocente e doente ser deportado para a África.

Práia (Cabo Verde), 15 de Julho de 1925.

JULIÃO QUINTANHA

sr. Cunha Leal, principalmente, aproveitou o ensejo para mais uma vez tentar pôr em cheque o presidente da república.

Uma frase de arrojo que exprime os propósitos do partido nacionalista: — A nossa campanha, a campanha em que vamos empenhar-nos, basear-se há toda a destituição do sr. presidente da República!

O sr. dr. Domingos Pereira, sendo um homem da confiança do Chefe do Estado, não pode contar com a nossa confiança para o governo da sua presidência.

O dr. sr. José Domingos dos Santos começou por fazer a declaração da existência na câmara de mais um grupo parlamentar: o grupo da esquerda democrática, afirmando ainda que se considerava dentro do partido democrático, recuperando a sua liberdade de acção até ao próximo congresso partidário.

Definiu a sua atitude perante o governo Domingos Pereira: expectativa benevolenta. Depois de acentuar que não queriam ser roubados nas eleições, o «leader» da esquerda atacou veementemente as violências cometidas contra os trabalhadores.

Já ali, naquela casa dos trabalhadores, ergueu a sua voz contra os bárbaros espancamentos de presos e contra as deportações sem julgamento. Não há o direito de bater em presos e a polícia frequentemente agride-os. Não há o direito de deportar sem julgamento — e a polícia fez as deportações dessa maneira arbitrária.

«Não há o direito de manter presos sob o regime de incomunicabilidade mais de 48 horas — e a polícia consegue mantê-los incomunicáveis mais de dois meses.

Que poder extranho, que força tremenda adquiriu a polícia nestes últimos tempos para se colocar acima das leis, acima da magistratura, acima do parlamento, acima da nação?

«Deportaram-se homens arbitrariamente esquecendo-se de que eles nem sequer tinham sido julgados. Estão inocentes? Estão culpados? Sabe apenas que estão quasi ao abandono, e que nem sequer têm medicamentos. Quasi os consideram como cães vadios. Um já morreu. E os outros acabam por morrer, se a injustiça que os atingiu não for prontamente reparada.

«Se não formos nós a defendê-los, quem os defenderá aqui?

Antes de terminar apela para o sr. João Camoesas, que é ministro da instrução do novo governo, a fim de que procure conseguir que essa injustiça seja reparada, pois quando denunciamos várias vezes a verbera-

Mas se era perigoso e se merecia a deportação, como é que o vão buscar a uma repartição do Estado?

Então compreende-se essa transição absurda que, dum dia para outro, transfere um indivíduo da sua pacífica repartição para a África, sem mais processo de culpa formada?

Então o regime, a sociedade, a ordem para se manter carece de se alimentar destas injustiças?

E os amigos de Bernardino dos Santos, todos os homens justos consentem, transigem, acham natural tal situação?

Mas não é o caso de Bernardino dos Santos o único a apontar.

Aqui, em Cabo Verde, entre os presos encontra-se um, de nome Luís Ferreira da Silva, que há cerca de seis anos vem sofrendo as maiores iniquidades, unicamente por ter a fatalidade de possuir um nome igual a dum militante revolucionário, há muito falecido.

O outro, o que a polícia persegue, também de apelido Ferreira da Silva, há muito que faleceu. Mas a polícia, que não abateu do activo das suas vítimas o morto, sempre que há qualquer movimento, greve ou coisa parecida, vai a casa e prende este desgraçado. Em vão ele protesta e reclama, mas ninguém o atende. E como a sua voz é débil e fraca, como é tímido, acanhado, e ninguém o protege, dura este inferno há mais de seis anos. A vida forçada que ele seja elemento perigoso, o e desgraçado mistado na sua involuntária e ingloriosa missão de revolucionário — ele que é uma das criaturas mais pacíficas que eu tenho visto.

Outro caso curioso: está também aqui entre os presos, um de nome Alexandre dos Santos, que aparenta ter mais de cinquenta anos, muito trabalhador, tipo nação de bom chefe de família, e que nas horas vagas, com uma grande coragem, vai fazendo o seu diário.

Impressionou-me aquele velho operário, entre os deportados quasi todos rapazes novos, e interroguéi-o sobre os motivos da prisão.

Afirmou, com uma grande lealdade, as suas ideias, mas declarou, com uma grande sinceridade, não estar metido em qualquer acto violento ou revolucionário.

Veio preso, porque assim vem sucedendo há uma porção de anos, sem que ele o consiga evitar, desde a primeira vez que o foi, a pesar de nada se ter provado contra si.

— Ao menor incidente de ordem pública, invadem-lhe a casa, e é preso como dinamitista, a pesar de nunca lhe encontrarem uma bomba.

Assim foi a última vez, a 15 de Maio, em que uma madrugada lhe cercaram a casa, arrancando-o dos braços da mulher e das filhas.

Preso porque, este homem que afirma não ter dado causa à sua prisão?

Aos cinquenta anos de idade, certamente não será por ser jovem sindicalista...

Práia (Cabo Verde), 15 de Julho de 1925.

JULIÃO QUINTANHA

A guerra de Marrocos

Um general francês inspeciona...

RABAT, 5. — O general Wautin que andou inspecionando a frente de batalha, regressou, hoje, a Fez.

... mas os mouros rompem

TANGER, 5. — A pesar de todos os esforços empregados pelas tropas francesas, as tropas de Abd-el-Krim, habilmente comandadas, romperam bastante as linhas de vigilância franco-espanholas, próximo de Tetu.

Morte de um escritor

VARSOVIA, 5. — Faleceu o grande escritor polaco Ladislau Maszky.

A propaganda anti-guerrista

PARIS, 5. — Foi processado por provocar soldados à desobediência o deputado comunista Doriot.

Congresso da Associação de Professores de Portugal

Inicia amanhã os seus trabalhos, na sede da Universidade Livre, pelas 14 horas, o 2.º Congresso da Associação de Professores de Portugal, sindicato profissional constituído por professores de todos os graus e ramos de ensino. Daremos amanhã a sùmula do programa do congresso.

Um atentado frustrado

PRAGA, 5. — Foi descoberto um vasto «complot» que tinha por fim atentar contra a vida do presidente Masaryk.

A evacuação de Dusseldorf

PARIS, 5. — A conferência embaixadores deliberou convidar o comité militar aliado a dar as instruções necessárias para se iniciar a evacuação de Dusseldorf.

PROJECTANDO LUZ...

Os marinheiros do "Vasco da Gama" foram ludibriados

pelos agentes provocadores das forças vivas — O comandante da esquadra naval instigou a marinhagem à revolta

O forte de Sacavem serve de prisão a 39 homens da tripulação do «Vasco da Gama». 39 implicados num movimento conservador, favorável à ditadura dos Filomeno da Câmara, dos Pereira da Rosa, dos Trindade Coelho? Não. 39 ludibriados por homens sem escrúpulos que, friamente, cinicamente, sem uma hesitação, os ludibriaram, arrastando-os a combater contra os seus próprios objectivos. A marinha de guerra — seja ditto de passagem — não nutre senão desdem por tudo quanto represente o passado, quanto signifique reacção: é nela enorme, avassaladora a sua ansia de progresso. Quando se revolta — e fá-lo com decisão e bravura — é sempre uma aspiração de mais justiça e mais liberdade que a orienta e impulsiona.

Os marinheiros, ao lado dos conservadores, dos partidários dum ditadura de enlameados e de carrascos? — Podia lá ser...

Isto fomos pensando ao entrar no forte de Sacavem. Meia hora depois ouvíamos daquelas vozes leais, daqueles homens de impetuosa e vibrante sinceridade a confirmação do que sabíamos. Mas, a verdade não pode, não deve ser uma claridade tenue, hesitante e frouxa, mas um clarão que ilumina com a grandeza bela dum aurora ou com a beleza trágica dum imenso incêndio.

E para que assim fosse, faltava-nos escutar da boca daqueles homens a confirmação, a preciosa confirmação que todos nós desejávamos, que todo o povo anseava...

E fomos — sinceramente o confessamos — poucos jornalistas. Não tentámos habilmente com subtis perguntas, revelações sensacionais, destas que depois de impressas fazem abrir aos leitores bocas de espanto... Limitámo-nos a escutar e quando nossas frases envolviam um ponto de interrogação o propósito de sensacionalizar o assunto não existia.

Um dos marinheiros recordou-nos um episódio interessante passado a bordo do «Vasco da Gama», sobre o qual os grandes órgãos de informação passaram o manto negro do silêncio e que os outros jornais ignoramos porque — até hoje conservaram inédito.

Quando o almirante Macedo e Couto, comandante da esquadra, veio inquirir o motivo porque se dispararam os tiros — os tiros da revolução — deparou com o comandante Mendes Cabeçadas. Após breve troca de palavras — palavras corteses, delicadíssimas — o almirante convidou o comandante Mendes Cabeçadas a descer à sua câmara.

Estiveram lá 45 minutos, aproximadamente. Depois apareceram-nos ambos. Não traziam o ar de duas pessoas que tivessem vivamente discutido e dissentido. E quer saber o discurso que o almirante nos fez?

Os marinheiros juntaram-se um pouco mais e um deles gritou para um colega:

— Diz tu o discurso — tu que tens boa memória.

O interpeelado foi repetindo vagarosamente estas palavras, na realidade bem extraordinárias:

Marinheiros: Encontram-se a bordo deste navio dois civis e o capitão de fragata

José Mendes Cabeçadas e este com o encargo de tomar conta do comando do navio, por ter rebentado, em terra, um movimento revolucionário.

«Conheço o capitão Mendes Cabeçadas desde criança e não posso, ninguém pode, duvidar do seu republicanismo. Não tenho dúvida alguma em lhe entregar o comando do navio visto que, se entrou num movimento revolucionário, é porque está convencido que dele alguma coisa há de resultar de útil para a pátria e para a república. Portanto, peço à guarnição que se conserve disciplinada e lhe obedeça em tudo, como verdadeiro comandante que é. Peço-lhes também para evitarem efusão de sangue a fim de se não manchar a marinha de guerra.

«E também meu desejo que mais nenhum navio vos acompanhe, em virtude do comandante Cabeçadas nos ter dito que é desnecessário, porque em terra está tudo ao lado do movimento».

Os outros confirmaram, com várias exclamações, a excelente memória do marinheiro. Desta atitude, deste estranho discurso, fizeram-se logo os comentários que são, com certeza, os mesmos que o leitor fará. Um deles não deixaremos, contudo, de reproduzir:

«E não fomos para a revolta obedecendo ao próprio comandante da esquadra? E então porque estamos presos? Por termos sido disciplinados, obedecendo aos nossos superiores?»

O discurso do sr. Mendes Cabeçadas caracterizava-se pela sua propositada falta de clareza. Nem uma palavra sobre o carácter do movimento, limitando-se a dizer que ele havia de melhorar a sorte da pátria e da república.

Um dos marinheiros, esclarecendo: — E nós supondo que se tratava dum movimento das esquerdas, dum movimento radical em que estavam envolvidos também elementos avançados respondemos — toda a guarnição em coro — com vivas à república radical.

«E o comandante não opôs desmentido, deixou-nos permanecer nessa ilusão.

Outro acrescenta, indignado: — Se nós soubéssemos que o movimento era conservador, tínhamos nos erguido contra os que nos fizeram revoltar. Eramos até competentes, se eles por meios suavios não desistissem dos seus propósitos, de os atirar pela borda fora...

Outro, ainda, comenta: — Só depois do movimento acabado é que soubemos que ele era conservador. E pensar que nós nem nos queríamos render, dispostos a combater até à última!

Uma hora depois de nos retirarmos do forte veio-nos à memória que o almirante sr. Macedo e Couto fora louvado pelo *Diário do Governo*. E em face disso, perguntávamos a nós mesmos:

Porque razão ainda se conservam presos os marinheiros do «Vasco da Gama» que acataram a ordem do almirante, obedecendo ao comandante Cabeçadas?

DESTERRADOS EM VIDA

O que é o Matadouro Municipal por dentro

Breves notas de reportagem pelas quais se podem avaliar os horrores do suplício infligido ao pessoal operário

Quando o visitante indiscreto transpõe o portão do Matadouro Municipal de Lisboa e num relance estende os olhos através daquele macabro labirinto uma violenta comoção escaldante a sensibilidade. Tudo ali é selvagem, numa sucessão que arrripa e incomoda. Desde as condições do trabalho até ao arcaico processo de extermínio das rezes. Chega-se por momentos a admitir a hipótese de que a natureza da função daqueles obscuros trabalhadores embotou-lhe de tal forma a sensibilidade que não possuem o mais leve sentimento de piedade.

Da primeira à última oficina a impressão é simplesmente aterradora. E mais viva se torna quando se fixa a indumentária do pessoal chacinero. A entrada depara-se-nos o pessoal encarregado do transporte das carnes, serviço pesado e que é executado com grande rapidez. Envergam uma hipótese de escandalo que lhes dá a fisionomia dum penitenciário. Além de inestéticos, estes fatos não reúnem as condições de impremiabilidade que se preservam das matérias líquidas, que se separam das carnes. Um desses trabalhadores tinha o peito coberto de sangue e outros líquidos que de mistura com os cabelos causava náuseas vómitos. Outros, expressões desregadas num mito de ódio e de paixão, trabalhavam cobertos dum multidão de matérias num movimento quasi rítmico onde não falta a violência e a insalubridade. Avançando, encontramos na oficina da matança cujo aspecto tem muito de satânico. Desde o extermínio das rezes do seu esarteamento o trabalho é executado por processos arcaicos.

Matar, esfolar, abstrair do sofrimento, eis quanto exige o regulamento camarário a quem tem que obedecer, para viverem e poder viver a família, aqueles obscuros trabalhadores.

A matança, a pesar de todos os progressos da mecânica ainda é feito pelo rudimentaríssimo processo da chapa. Cinquenta

sessenta ou mais rezes são abatidas pelo operário que, na maioria dos casos se tem que aproveitar de embustes para derrubar a presa. E quantas vezes sucede o pobre trabalhador, em virtude da falsa posição, ser voltado pelo animal e ter que se socorrer num pequeno posto de socorros que funciona anexo ao Matadouro.

O espectáculo como pode inferir-se abona pouco em favor dos administradores do Município.

Dissimos um dos cicerones que nos acompanhou na visita que fizemos há dias ao Matadouro, que em matéria de desenvolvimento industrial nada ainda se pensou no que concerne a matança. Parece que tal puerilidade não merece as lucubrações da nossa edilidade...

Os outros serviços correlativos à matança estão na mesma escala de atraso. O esfolamento obedece igualmente aos mesmos processos obsoletos que poderão com vantagem ser aplicados nos matadouros clandestinos, mas que já fizeram uma época no principal matadouro do país. A abertura da rez assume também um aspecto de violência que só braços possantes conseguem vencer. Quando ali estivemos vimos que um dos operários encarregados desse ramo empregava-se a fundo para abrir a rez.

No que respeita a indumentária as condições aqui são inferiores às que já vimos. Os 70 homens que aqui trabalham, o que aliás sucede em todas as outras repartições, são obrigados a fornecer os fatos com que tem que proceder à rápida operação a seu cargo. Não lhe permitiram as suas condições económicas a aquisição dum fato apropriado, sucede que o visitante vai encontrar aquelas dezenas de trabalhadores cobertos de andrajos, e descaldas de pé e perna. O estrangeiro que já em tão pouca conta tem o país que nos foi berço, ao entrar ali não pode conceber que seja aquele estabelecimento o primeiro no género. E o que serão os outros...

Preguntando ao nosso cicerone porquê

os operários não são tratados melhor

respondeu: — Não sabem os senhores

que a culpa é dos patrões...

— Mas os patrões não são os donos

do Matadouro? — Não, os donos são

os operários...

nao reclamavam contra a miséria em que viviam, cobrindo apenas as pernas com uma calça vulgar, reforçada simplesmente pela acumulação do sangue de inúmeras vezes e um arremedo de camisola a cobri-lhes o tronco, responderam-nos o seguinte:

—O pessoal do Matadouro tem em muita conta a sua situação. E não é apenas a melhoria de salário que o preocupa, já reclamam da Câmara o fornecimento de fatos apropriados para uso interno, fatos que devem reunir todas as condições exigidas pela natureza do trabalho.

—E o que lhe responderam?

—O vereador Fernando Pires, do pelouro do Matadouro, por onde correm estes assuntos não nos deu ainda uma resposta satisfatória como convinha a todo o pessoal.

—E apenas para o pessoal da oficina da matança a reclamação dos fatos?

—Não senhor. É extensivo a todo o pessoal, pois a todo o pessoal é necessário e conveniente. Parece que o sr. Fernando Pires não quer ver assim uma coisa que é tão clara...

Nas outras oficinas sucede outro tanto, notando-se até que alguns operários são forçados a um «rigor de traje» de esquisita fisionomia para poderem desempenhar-se do trabalho.

Voltemos agora a atenção para outra particularidade das oficinas do Matadouro que só por si serviria para uma rigorosa campanha contra a miséria que ali se vive. Referimo-nos às condições higiénicas em que vegetam algumas centenas de trabalhadores. Para que se não diga que enegrecemos os cambiantes daquele quadro horrível abstrairmo-nos de atavismos literários para lhe imprimir um sabor sóbrio, como sóbria é a vida daqueles esquecidos da vida.

Elas: Depois dum labor de algumas horas—há dias que atinge 15 horas—aqueles operários ficam completamente cobertos de sangue. Braços, rosto, pernas e pés estão tintos. Em qualquer país civilizado a esses desgraçados ser-lhe-ia facultados os meios convenientes para se lavarem.

No Matadouro de Lisboa, capital do país, o pessoal tem o mesmo merecimento do que uma vassoura que limpa o excremento e que absorve todas as impurezas. É inacreditável, mas o leitor vai lá conhecer.

O pessoal tem que lavar-se num pequeno tanque, com um metro em quadrado aproximadamente, semelhante a uma pia onde os animais costumam beber, e fornecido por uma torneira de metal que é inundada de água. E nesta pia de pedra—reparar o gentes—que se lavam as vassouras cobertas de impurezas; que se lavam os outros utensílios empregados na matança, cobertos de pus. E servidos em tumores, cobertos de pus. E ali igualmente que o pessoal lava o rosto, lava as mãos, os pés e as pernas! Esta promiscuidade revoltante, que fustiga as consequências deve originar uma dura vida para vergonha da Câmara Municipal que em tão pouca conta tem a vida dos que a servem.

Isto que foi visto por nós, pode ser observado pelo estrangeiro que lá longe, com justificada razão poderá garantir que o pessoal do Matadouro merece igual consideração a uma relva vassoura!

Existe também um balseiro numa dependência distante à casa da matança que só, por ironia, pode ser encarado. Possui de facto algum valor, embora as cabines e os repuxos sejam muito pífios. Mas que utilidade tem este balseiro se o vestidário se encontra muito distante? A não ser que o pessoal fizesse uma larga digressão como Adão no paraíso...

Voltando também os nossos olhos para um arremedo de refeitório que existe no Matadouro a nossa sensibilidade não pode ficar imutável, pois há muito que diz. É uma barraca detestável. Não tem condições higiénicas como se impõe a uma casa de refeitório. No chão o mosquito é tão abundante que chegamos a recear ser assaltados por essa enorme praga.

Tudo quanto vimos durante a nossa visita ao Matadouro é bem a prova do desleixo e da incompetência das vereações que se têm sucedido.

Para elas, para o vereador do pelouro da especialidade, a situação do pessoal é letra morta, e banalidade que se perde na bruma do tempo. Quantas enfermidades se geraram nesse excremento tanque onde o pessoal se lava que ficaram apagadas no silêncio da ignorância!

Quantos desgraçados têm perecido só porque se consente que homens que trabalham sejam confundidos com a lama do chão há dezenas de anos. E ainda há quem se conforme com os horrores de toda esta tragédia humana!

Quantos desgraçados têm perecido só porque se consente que homens que trabalham sejam confundidos com a lama do chão há dezenas de anos. E ainda há quem se conforme com os horrores de toda esta tragédia humana!

Quantos desgraçados têm perecido só porque se consente que homens que trabalham sejam confundidos com a lama do chão há dezenas de anos. E ainda há quem se conforme com os horrores de toda esta tragédia humana!

Quantos desgraçados têm perecido só porque se consente que homens que trabalham sejam confundidos com a lama do chão há dezenas de anos. E ainda há quem se conforme com os horrores de toda esta tragédia humana!

Quantos desgraçados têm perecido só porque se consente que homens que trabalham sejam confundidos com a lama do chão há dezenas de anos. E ainda há quem se conforme com os horrores de toda esta tragédia humana!

Quantos desgraçados têm perecido só porque se consente que homens que trabalham sejam confundidos com a lama do chão há dezenas de anos. E ainda há quem se conforme com os horrores de toda esta tragédia humana!

Quantos desgraçados têm perecido só porque se consente que homens que trabalham sejam confundidos com a lama do chão há dezenas de anos. E ainda há quem se conforme com os horrores de toda esta tragédia humana!

Quantos desgraçados têm perecido só porque se consente que homens que trabalham sejam confundidos com a lama do chão há dezenas de anos. E ainda há quem se conforme com os horrores de toda esta tragédia humana!

Quantos desgraçados têm perecido só porque se consente que homens que trabalham sejam confundidos com a lama do chão há dezenas de anos. E ainda há quem se conforme com os horrores de toda esta tragédia humana!

Quantos desgraçados têm perecido só porque se consente que homens que trabalham sejam confundidos com a lama do chão há dezenas de anos. E ainda há quem se conforme com os horrores de toda esta tragédia humana!

Quantos desgraçados têm perecido só porque se consente que homens que trabalham sejam confundidos com a lama do chão há dezenas de anos. E ainda há quem se conforme com os horrores de toda esta tragédia humana!

Quantos desgraçados têm perecido só porque se consente que homens que trabalham sejam confundidos com a lama do chão há dezenas de anos. E ainda há quem se conforme com os horrores de toda esta tragédia humana!

Quantos desgraçados têm perecido só porque se consente que homens que trabalham sejam confundidos com a lama do chão há dezenas de anos. E ainda há quem se conforme com os horrores de toda esta tragédia humana!

Na Voz do Operário

impera a falta de vergonha

Antes da comissão de sindicância tudo decorria raramente dentro da Sociedade, numa sornice que estava em relação com a ignorância dos dirigentes, aproveitando-se alguns empregados de situações de favor, à custa de baixas, de subsídios e de falhas de carácter, preocupando-os de preferência aos casos de consciências as necessidades estomacais.

Os interesses dos empregados primavam os da Sociedade.

Este estado de coisas provocou um ambiente de falsidade, de mentiras, de faltas de vergonha e de lisonjas.

Dirigida a Sociedade por indivíduos sem cultura, na sua maioria analfabetos, fácil se tornava amoldá-los às conveniências do que predominavam. E quando algum esboçava qualquer gesto de repulsa pelos tópicos processos empregados, forçavam-no a uma demissão imediata, ou desfogavam-no a ponto de nunca mais lá por os pés.

E ficavam apenas em campo os habilitados, os que a Sociedade viviam, os falhos de vergonha e de sentimentos, aqueles que não sendo socios efectivos mandavam mais do que estes e guerreavam as aspirações dos socios auxiliares, para, sósinhos, continuarem manobrando na sombra os destinos da Sociedade.

Surge a campanha de revolta contra esta situação imoral e ordena-se uma sindicância entregando-se a Sociedade a socios auxiliares, que a administraram diversamente, moralizando os costumes e coibindo os abusos, fazendo a trilhar um novo caminho, arrojando as escolas onde penetrava a alegria, criando novos serviços e melhorando os existentes, reconduzindo-a às suas verdadeiras funções de instrução, de beneficência e de previdência.

Mas os socios efectivos, recessos do prestígio moral dos auxiliares, oferecem-lhes a apresentação nas assembleias dum longa lista de socios auxiliares que passariam a efectivos, como determinam os estatutos.

Terminada a sindicância, reconduzidos os socios efectivos ao imoral privilégio da direcção, repete-se o oferecimento. E os socios auxiliares, como são homens sérios e de carácter, súplicas ver nos socios efectivos, que tais promessas faziam, igualmente homens sérios e de carácter. Mas o tempo tem desmentido tal suposição.

Depois de terminadas as funções sindicantes, já foram eleitas duas gerências, sem que tenham dado cumprimento ao que obrigatoriamente se comprometeram, antes, ao contrário, a primeira limitando-se a injuriar e caluniar no jornal, os socios auxiliares, tornando-o um órgão de calúnias e de infâmias.

Como, porém, nas assembleias surgiram revoltados protestos contra tão indecorosa atitude, surge-nos agora a actual comissão administrativa com um fantástico projecto de trabalhos. Bem sabemos que esse projecto se limita a um esboço de aspirações de problemática realização, como a propriacomissão o reconhece quando manifesta o desejo de dar maior incremento às obras da sede social, para o que estudará a maneira de aumentar a actual dotação orçamental.

Esta simples confissão desmente por completo a possibilidade da realização de todo o conjunto das medidas apresentadas, por falta de dotação orçamental. É a criação dumapolíclínica com varios especialistas para partos, sífilis, doenças de coração e um dentista denota bem o profundo estudo que os levou à conclusão de que a tuberculose deixou de diminuir as classes trabalhadoras. O que pouco importará porque a comissão irá instalar um posto de socorros com material e pessoal indispensável, e ainda do muito dinheiro que lhe sobrá do orçamento, criará um senatório nos arredores de Lisboa e um balneário com 12 cabines, 6 com chuveiro e 6 para banhos de limpeza, e outras coisas mais que estão a pedir não a chuva com que contavam para o balneário, porque este naturalmente funcionaria ao ar livre e de inverno para maior economia—mas com uma chuva de bom senso que os leve a terem mais respeito e consideração pelos milhares de socios que para a sociedade concorrem com as suas quotas.

Mas a comissão, que conta com o auxílio dos socios auxiliares para levar a cabo esta obra de engrandecimento da sociedade, deve apresentar à sanção da assembleia de hoje uma enorme lista de nomes de socios auxiliares que passaram a efectivos, e assim virá dar cumprimento ao estatuto na lei social e ao compromisso de honra assumido perante os socios auxiliares.

A comissão quiz guardar segredo nesta apresentação para colher a assembleia de surpresa, mas como sempre há quem não possa guardar um segredo, informaram-nos desta agradável notícia, que damos em primeira mão, sendo de esperar que a assembleia termine com as mais inequívocas manifestações de apreço a tão nobres e assinalados varões.

Recebemos de Jaurés Américo Viegas uma carta em que desmente a notícia dada em *O Século* e do *Diário de Notícias*, dizendo-o testemunha de acusação contra os incriminados no atentado ao comandante da polícia.

Recebemos de Jaurés Américo Viegas uma carta em que desmente a notícia dada em *O Século* e do *Diário de Notícias*, dizendo-o testemunha de acusação contra os incriminados no atentado ao comandante da polícia.

Recebemos de Jaurés Américo Viegas uma carta em que desmente a notícia dada em *O Século* e do *Diário de Notícias*, dizendo-o testemunha de acusação contra os incriminados no atentado ao comandante da polícia.

Recebemos de Jaurés Américo Viegas uma carta em que desmente a notícia dada em *O Século* e do *Diário de Notícias*, dizendo-o testemunha de acusação contra os incriminados no atentado ao comandante da polícia.

Recebemos de Jaurés Américo Viegas uma carta em que desmente a notícia dada em *O Século* e do *Diário de Notícias*, dizendo-o testemunha de acusação contra os incriminados no atentado ao comandante da polícia.

Recebemos de Jaurés Américo Viegas uma carta em que desmente a notícia dada em *O Século* e do *Diário de Notícias*, dizendo-o testemunha de acusação contra os incriminados no atentado ao comandante da polícia.

Recebemos de Jaurés Américo Viegas uma carta em que desmente a notícia dada em *O Século* e do *Diário de Notícias*, dizendo-o testemunha de acusação contra os incriminados no atentado ao comandante da polícia.

Recebemos de Jaurés Américo Viegas uma carta em que desmente a notícia dada em *O Século* e do *Diário de Notícias*, dizendo-o testemunha de acusação contra os incriminados no atentado ao comandante da polícia.

Recebemos de Jaurés Américo Viegas uma carta em que desmente a notícia dada em *O Século* e do *Diário de Notícias*, dizendo-o testemunha de acusação contra os incriminados no atentado ao comandante da polícia.

Recebemos de Jaurés Américo Viegas uma carta em que desmente a notícia dada em *O Século* e do *Diário de Notícias*, dizendo-o testemunha de acusação contra os incriminados no atentado ao comandante da polícia.

Recebemos de Jaurés Américo Viegas uma carta em que desmente a notícia dada em *O Século* e do *Diário de Notícias*, dizendo-o testemunha de acusação contra os incriminados no atentado ao comandante da polícia.

Recebemos de Jaurés Américo Viegas uma carta em que desmente a notícia dada em *O Século* e do *Diário de Notícias*, dizendo-o testemunha de acusação contra os incriminados no atentado ao comandante da polícia.

A BATALHA NA PROVINCIA E ARREDORES

Olhão

A ganância dos senhorios

OLHÃO, 31.—Os senhorios, na ânsia de arrecadarem todo o produto do trabalho dos operários, exploram-nos impiedosamente com uns pardieiros que alugam por rendas fabulosas. Há inquilinos que, devido à grande crise de habitação, se vêem forçados a satisfazer os seus desmedidos desejos, pagando-lhes rendas elevadíssimas. Conhecemos inúmeros senhorios que cobram mensalmente uma importância muito superior ao valor inscrito na matriz, segundo a actual lei do inquilinato. Ora isto é uma exploração infame. Há muitos senhorios que, não atendendo a esta situação miserável em que vivem os trabalhadores, pretendem aumentar as suas rendas, não fazendo outros, ao menos sequer, qualquer diferença nas rendas elevadas por que estão ultrapassando as disposições da própria lei.

Garvão

Um médico indelicado

GARVÃO, 2.—Tendo um indivíduo necessitado de vacinar sua filha, um médico desta localidade mandou-o a outra parte. E' bom que esse médico se lembre que só aos seus clientes, que são os habitantes da vila, deve a situação que disfruta, e aprenda a tratá-los com a correcção com que deseja ser tratado. —E.

Alcobaça

O delegado do governo contra as exorbitâncias da G. N. R.

ALCOBAÇA, 3.—Há já bastante tempo que lava grande indignação contra o procedimento da G. N. R. aqui aquartelada, pois anda numa desenfreada caça à multa e por forma tal que ontem o delegado do governo pagou algumas delas por não as achar justas, indo protestar junto da Câmara Municipal para que ela seja afastada, a fim de prevenir qualquer conflito, pois o povo não está disposto a suportar tais vexames. Espera-se a reunião do Senado Municipal que deverá tomar a resolução de lhe retirar o subsídio, a fim de livrar os seus municípios de tão afrontosa perseguição.—E.

Unhais-o-Velho

Nem estradas, nem farmácia, nem médico, nem escolas

UNHAIS-O-VELHO (Pampilhosa da Serra), 2.—Este concelho que é composto de 10 freguesias e que tem uma população de cerca de 15.000 habitantes, não tem uma só estrada macadamizada. O trânsito aqui é feito por caminhos quasi intransitáveis, pelos pachorrutos bois, e povoações há onde estes animais não podem trabalhar, porque os caminhos mais se parecem com os carreiros que a história resa dos primitivos tempos.

Aqui não há comodidades nem confortos. Há as serras infundáveis, tristes e desprotegidas, as searas onde os Loiolas e os pequenos senhores são imperadores dum população analfabeta, educada na escola da superstição e do fanatismo, havendo uma enorme percentagem dos habitantes do concelho, que crêm em bruxedos, feituras e «maus olhados», e muitas outras coisas ridículas e nojentas, que causam asco a todos os espiritos livres.

Isto é já muito grave, mas há muito mais grave ainda.

Este concelho não tem um médico nem uma farmácia há já uns oito anos, aproximadamente. Aqui morre-se sem assistência médica. Os médicos e farmácias mais próximos das povoações deste concelho, estão respectivamente em Tortosendo, Fundão, Oleiros, Góis e Arganil, povoações que distam cerca de trinta ou mais quilómetros de qualquer das povoações do concelho, ou sejam cerca de sessenta quilómetros ida e regresso!

Uma visita médica custa aqui mais de trezentos escudos, só ao alcance dos ricos, dos burgueses, bem raros neste concelho! Estes mesmos em caso de doença, vêm-se desprovidos de assistência médica e recursos farmacêuticos nos primeiros dias da doença, devido ao enorme percurso, que o desgraçado portador que vai chamar o médico e a farmácia—tem de percorrer a pé, porque aqui como já disse, não há estradas e há muito poucas mareas.

Os párias, os que tudo produzindo nada ou quasi nada, têm, morrem ao abandono, quasi como animais, por carência de recursos para mandar vir o médico, quando dele necessitam. São tratados pelos barbeiros da aldeia—a quem faltam quasi sempre os conhecimentos precisos—e que por melhor vontade que tenham, nada ou quasi nada de útil podem fazer.

Quanto à instrução é um horror! A grande maioria das localidades não têm escola; as que a têm são muito pouco frequentadas.—C.

Figueira da Foz

A moral deles...

FIGUEIRA DA FOZ, 3.—O povo desta cidade tem aqui desde algum tempo, além do corpo de polícia que pertence a Coimbra, um chefe de nome Abel Dias—exportado daquela cidade como castigo por irregularidades... na caixa... O capital policiesco de muitas.

E, como não foi castigado como qualquer mendigo ao roubar um pão para matar a fome, indo para a imunda cadeia sofrer seis meses ou mais de prisão pelo seu atrevimento... ele tomou a liberdade de, depois do primeiro delito, praticar um segundo, certo, claro, da impunidade.

Havia ao que parece na caixa das receitas, proveniente dos serviços de teatros, etc., 15.000 escudos—importância esta que deve ser elevada, segundo nos disseram, pelos guardas e respectivo cabo.

O certo é, porém, que a massa em vez de ser distribuída como se diz acima, teve um rumo diferente. Recebendo o chefe 500, o cabo 500, e os desgraçados guardas os outros 500. O que quer dizer que estes ficaram lesados na parte que foi para o chefe. É isto pelo menos o que se diz pelas ruas da Figueira—tendo sido transferido um guarda para Coimbra por ter protestado...

«...meios valha-nos a moral» deles...—C.

LER E ASSINAR
Os Mistérios do Povo

Praia da Granja

Uma explicação necessária

PRAIA DA GRANJA, 1.—Alguém—gente de requintada má fé a quem não devemos explicações de espécie alguma—tem insinuado que o facto de não termos, ultimamente, relatado aqui certos acontecimentos que se têm desenrolado nesta localidade, é resultado de combatações com certas criaturas com quem nada temos.

Motivos alheios à nossa vontade, aliados, infelizmente, à nossa falta de saúde, não nos têm, na verdade, permitido relatar certas ocorrências na devida oportunidade. Todavia, nunca deixáramos ficar impunes, embora tarde, certas arbitrariedades, revoltantes e infames, que se têm consentido à sombra da política de compadrio porque o nosso dever jornalístico e a nossa consciência, sobretudo, no-lo impõe.

Um senhorio sem sentimentos

De há muito que o logar do Matadouro, desta localidade, tem sido teatro de cenas deveras desagradáveis entre o trabalhador José Marques da Fonseca e o antigo operário da construção civil Joaquim da Rocha, actualmente proprietário e capitalista, pelos factos que pormenorizadamente vamos relatar.

O operário José Marques da Fonseca, sua companheira e quatro filhinhos de tenra idade, ocupavam lá bastante tempo como inquilinos, um casbre pertencente ao Rocha recentemente chegado do Brasil. Este, não lhe convendo ali os inquilinos alegando razões sem fundamento, despediu-os, os quais se prontificaram a sair logo que arranjassem outra habitação. Como, porém, isso não lhes tem sido possível devido à falta de casas, o Rocha e sua mulher Olinda Pregadinha, que é aqui odiada por toda a gente de bem, têm pôto em prática toda a série de *trucs* ao seu alcance, auxiliados por criaturas sem critério e sem sentimentos.

O primeiro *truc* foi serem chamados os inquilinos à administração do concelho onde foram aconselhados a que saíssem imediatamente do casbre em consequência de se ter constatado que por debaixo do mesmo passava uma mina de água que estava a desmoronar-se e que, de um momento para o outro, os pobres inquilinos podiam encontrar ali uma morte trágica!

(Muito interesse têm os *alozes* pelas suas vítimas, como adiante se verá...) Como, porém, os inquilinos se não conformassem com semelhante e descabida explicação e continuassem a lutar com a mesma falta de casa, a mulher do Rocha, nervosa e indignada, no dia 24 do mês passado, de manhã, aproveitando a ausência do Marques e da companheira, destelhou todo o casbre sem do nem piedade pelas quatro crianças que lá dentro se encontravam chorando, desorientadas e cheias de medo pela infâmia que se estava praticando, pelo crime repugnante que representava o acto da *heroína* Olinda Pregadinha.

Seguidamente, os senhorios bem aconselhados e avisados, abandonam a sua residência e quando toda a gente esperava que medidas energicas iam ser tomadas, que justiça, enfim, ia ser feita, eis que, dias depois—passam os senhores republicanos que andais burlando o povo pregando a Democracia—alguns operários do mestre de obras Henrique Sampaio, de Alem do Rio, procedem à demolição completa do casbre, ficando tudo em ruínas como se um violento ciclone por ali tivesse passado, como se o incêndio tudo tivesse destruído. E as quatro inocentes crianças que assistiam a toda esta scena revoltante, solucavam desesperadamente ao ver que os canibais desajaziam o seu pobre ninho, o humilde lar de seus desventurados pais, que ao chegarem ali ficaram desolados e com o coração repassado de amargura e de dor.

Contra o crime repugnante que acaba de ser praticado levantamos o nosso mais energético protesto lamentando, finalmente, que ainda haja operários que se prestem ao vil papel de estilagiagem o lar de uma camaráda sem meditar que amanhã lhes poderá suceder o mesmo.—C.

Moscavide

Generosidade

MOSCAVIDE, 2.—Um dos corredores do último campeonato ciclista aqui realizado recebeu um pequeno ferimento. A farmácia da terra, sempre «generosa», levou pelo ligeiro penso 6500 e pelo trabalho 5500.—C.

Ceia

Boa viagem

CEIA, 3.—A guarda-republicana destaca da nesta vila, vai deixar-nos, em virtude, dizem, da casa que serve de quartel não estar em condições de ser habitada.

Escusava mesmo de voltar porque não deixa saudades.

Campo de aviação

Está quasi concluído o Campo de Aviação, a 1 quilómetro desta vila, que se diz ser o melhor do norte.

A sua inauguração terá lugar no próximo dia 15, quando das festas desta vila.

Julgamento

Foi adiado para o dia 29 do próximo mês de Outubro o julgamento dos criminosos do «Moimho do Bittaco».—C.

A cura das doenças pelas Plantas

3.ª edição—Preço 2500, pelo correio 2530 pedidos a administração de N. BRYDIN

ACREDITA:

N. BRYDIN quer, o tuberculose, o anémia, o excesso de fadiga, o enfraquecimento orgânico só tem um inimigo poderoso

NÚCLEO CALCINA

TÓNICO ENERGICO E SCIENTIFICO

Usado pessoalmente pelos nossos primeiros médicos

Superior a todas as imitações nacionais e estrangeiras

LABORATORIOS DO SINDICATO SINDICALISTA

A sair esta semana:

A CATEDRAL

Por MANUEL RIBEIRO

Magnífica edição especial de luxo, grande formato, ilustrada por Alfredo Cândido, com magníficos desenhos à pena, aguarela, etc., inéditos da Sé de Lisboa.

Esta edição restrita, com os exemplares numerados e assinados pelo autor, será posta à venda a 50\$00; pelo correio, mais 3\$00.

Pedidos à casa editora **Livraria Renascença**, J. Cardoso, rua dos Poiais de São Bento, 27-29—LISBOA.

AGREMIÇÕES VARIAS

Grupo de Solidariedade «Os 21 Manufactores de Calçado».—Reúnem hoje, para apreciar o estado financeiro.

Clube Recreativo «Os Boémios».—Reúne hoje, pelas 20,30 horas, a assembleia geral.

VIDA ANARQUISTA

Grupo Terra Livre.—Refine amanhã, pelas 21 horas.

Congresso do Professorado em Evora

Por deliberação da maioria dos vogais do Conselho Federal da União foi transferida a realização do congresso e reunião magna de Evora para as próximas férias do Natal.

Educação Social

Acaba de sair o n.º 7 do 2.º ano desta revista de pedagogia e sociologia dirigida pelo professor Adolfo Lima.

Este número trata dos assuntos seguintes: Os direitos da criança, pelo dr. António Sá e Oliveira; O problema do accidentado de trabalho e o seu aproveitamento profissional, pelo dr. Vítor Fontes; Desportos e exercícios físicos, pelo dr. Luis António Rodrigues Lobo; O ensino das sciencias físico-naturais, por António Lima; Factos & Documentos; página seleta livros & Revistas.

Um consulado monárquico na república...

Informam da arçada:

No vapor «Avon» recentemente chegado ao Tejo, vieram duas senhoras inglesas, vindas da cidade de Tonto, no Canadá. O da Graça, 31, uma sessão de propaganda esperantista. O sr. Saldanha Carreira dissertará sobre: «Porque é precisa uma Associação Nacional de Esperanto?»

ESPERANTO

Núcleo de Instrução «Lux»

Realiza-se no próximo sábado, pelas 21,30, no Núcleo de Instrução «Lux», rua da Graça, 31, uma sessão de propaganda esperantista. O sr. Saldanha Carreira dissertará sobre: «Porque é precisa uma Associação Nacional de Esperanto?»

JÁ SAIU A 7.ª SERIE DE OS MISTÉRIOS DO POVO

Interessante romance histórico, profusamente ilustrado desde as primeiras idades do homem até à revolução Francesa.

Assinatura: pelo correio cada série de 10 tomos com cerca de 320 páginas 6\$00.

A obra mais barata que no género se publica

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

Reclames

Pela sua centralidade e ainda porque se mantém em scena, em pleno triunfo, a deslumbrante revista «A cidade onde a gente se aborrece», o Eden continua sendo o teatro preferido por todo o público que se não cansa de aplaudir a sua revista, a mais fulgurante e bela fantasia que Lisboa tem admirada, vestida ricamente, ornada de primorosos grupos de bonitas mulheres e interpretada com a maior graciosidade e frescura.

Entre os lutadores que estão fazendo o grande torneio no Coliseu dos Recreios, figura, primordialmente, o alemão Stolz, que hoje luta contra o campeão português Manuel Gonçalves. Nas outras duas lutas figuram o italiano Travagliani contra o espanhol Rato e o espanhol Bastarrica contra o francês Devilliers.

O programa de variedades que é também inter-santissimo é composto pela artista Ventura Costa, as suas fantasias luminosas no «reino das flores», pela troupe russa Pannonia Rusckoff e pelos artistas «Latinos» que apresentarão fados e canções.

CAMARA MUNICIPAL



O protesto do proletariado contra a guerra

No Porto realizou-se uma importante sessão na qual se fizeram admiráveis afirmações de princípios -- Uma brilhante conferência do dr. Campos Lima

PORTO, 4.—Efectuou-se no domingo o comício contra a guerra, promovido pela União dos Sindicatos Operários do Porto. O camarada Felisberto Baptista, que presidiu à reunião, fez uma brilhante conferência, afirmando que o desencadear das guerras se deve ao egoísmo da burguesia imperialista. A hecatombe formidável que maltrata a humanidade atirou com o proletariado para um terrível sofrimento, enquanto os capitalistas continuam a atulhar de ouro os seus cofres de segredo. Lembra a partida dolorosa dos nossos soldados, dos nossos irmãos, para os ensangüentados campos de batalha e refere-se ao facto do capitalismo não estando satisfeito com a última chacina, andar a preparar uma nova guerra, apresentando como exemplo a horrorosa luta fratricida de Marrocos.

Terminou por dizer que o proletariado deve sair da sua modorra, organizar-se e opor uma resistência tenaz, uma luta gigantesca aos funestos desígnios da finança internacional.

Há que fazer guerra, sim, mas ao capitalismo

Marcelino Pedro principia por dizer que faz precisamente 11 anos que os campos verdejantes e florescentes da Europa se transformaram, mercê dos homens, num vasto cemitério internacional. Onze anos passados e ainda ante os nossos olhos se ergue uma legião imensa de irmãos nossos, que, arrancados das suas herdades, dos seus campos, foram arremessados para o campo da morte, do luto e da desolação. Parece ainda que os nossos ouvidos se ressentem do estampido formidável do canhão, que, como um tufão de morte, devastou, incendiou e derruiu vilas, aldeias e cidades inteiras. Ante os nossos olhos ainda parece ver-se o mar imenso, num rumor que puro como pura era a alma dos nossos irmãos que nele pereceram. E isto porque? Porque um Jorge V, um Guilherme II e um Poincaré assombram o determinam em honra dos interesses oligárquicos do capitalismo rapace. E para admirar que os povos oboedescem aos sinistros desejos daqueles imperantes.

Que haja outra guerra, compreende-se; mas que essa guerra não seja fomentada pelo capitalismo, mas aquela desencadeada pelo proletariado consciente que conduza a humanidade para uma sociedade perfeita. O verdadeiro patriotismo não está nos autôres dos escândalos dos transportes marítimos do estado, do Lazareto, etc., mas na massa trabalhadora que agora só deseja esta guerra — a Revolução Social.

António Teixeira alude desenvolvidamente aos verdadeiros motivos da guerra de 1914. Ela não foi devida ao atentado de Sarajevo, que apenas lhe serviu de pretexto para a inflamação do rastilho guerrista. Essa guerra, que deixou nos vastos campos de batalha, milhões de seres humanos, não foi uma luta pela civilização, pelo progresso, pela liberdade, pela emancipação dos pequenos povos — mas uma peleja monstruosa, gerada pela cupidiz industrial e comercial. Para demonstrar que a terrível matança humana vinha desde há muito sendo preparada, para o que contribuiu a imprensa mercenária, que ateou a febre dos armamentos — refere-se largamente aos hostes luxuosos pagos pela casa Krupp, onde gratuitamente se banquetavam os militares das diversas nacionalidades que iam à Alemanha fazer as suas encomendas de engenhos mortíferos. Enquanto aqueles militares se confraternizavam ruidosamente, os povos estavam sendo reconduzidos para a mítica chacina. Os arautos da fementida civilização e progresso não marchavam para o auge humano: mandavam para o sacrifício sangüinolento, simplesmente a massa ignorante, Saliente, a seguir, as grandes desercões, a pesar da imprensa encobridor esse facto. Os desertores não foram criminosos, inimigos da pátria, mas tão somente indivíduos que não estavam dispostos a ser assassinos, a deixarem-se morrer ou a matar por uma causa que desconheciam, que não era a sua. Depois de afirmar que os autênticos desertores são aqueles que fazem as guerras e de protestar veementemente contra a guerra de Marrocos — aconselha o proletariado a organizar-se fortemente, a recusar-se ao fabrico de aparelhos mortíferos, proclamando-se, enfim, a revolução social.

Os processos de chacina estão mais aperfeiçoados do que em 1914

João Silva declara que as questões guerrais devem constituir o problema dos problemas. Em todos os momentos se deve afirmar a nossa repulsa contra as guerras. A luta contra elas tem de ser agora mais tenaz em consequência dos modernos processos de chacina. Faz um pouco de história acerca das guerras do império romano, em que algumas predominavam o espírito de liberdade dos escravos, o que não sucede com as de agora. Demonstra como a guerra industrial criou enfiados heróis com o peito constelado de medalhas de todos os tamanhos e feitios, enquanto o desgraçado soldado, o que verdadeiramente se bateu com bravura, anda por essas ruas fora a mendigar uma esmola à caridade pública. Defende a tua pátria, aquela pátria que amanhã te deixa morrer de fome — exclama irónicamente o orador. Esclarece as rivalidades que existiam entre a Alemanha, a França, a Inglaterra, etc., para concluir também que a conflagração de 1914 não foi originada no atentado de Sarajevo. Terminada a guerra, verifica-se que não há vencedores nem vencidos. Em toda a parte miséria é desoladora e o exército de *chômeurs* imenso. O operariado, portanto, não deve prestar-se mais para as lutas pelos interesses inconfessáveis do capitalismo, servir de carne de canhão. Uma só guerra nos deve convir: é a da justiça contra a iniquidade, do direito contra a força, da liberdade contra a tirania.

António Libório descreve os horrores da guerra, atribuindo-a aos maneios dos políticos de todas as nuances que se esforçam e conservam o povo na ignorância, desferindo o velho chavão do patriotismo. A seu ver, o início da nova guerra está na espantosa fogueira de Marrocos. As afirmações que os revolucionários fizeram em 1914 contra a guerra, devem não só ser renovadas, como reforçadas. O patriotismo não traz outra coisa senão os interesses exclusivos das oligarquias predominantes.

As vitórias das guerras, não são para o povo que lhes sofre todas as desastrosas consequências, mas para os Soto-Maiores, que lhes usufruiu os máximos proveitos. É indispensável concertar um acto de força para se evitar o extermínio recíproco daqueles que nunca nos fizeram mal algum. A guerra de civilização, como imprópriamente lhe chamaram, não modificou, moral e economicamente, para melhor a vida dos povos, vindo-se, pelo contrário, que aumentou a fome, a miséria, o desemprego, a prostituição... Quem há-de resolver o problema das guerras, há-de ser o proletariado organizado sob a égide do Socialismo Revolucionário.

A moção contra a guerra aprovada por aclamação

O orador ainda falou largamente sobre a nossa militarista colonização africana. Esgotada a lista dos oradores, que foram gentilmente aplaudidos, foi aprovada por uma veemente salva de palmas, a moção da União dos Sindicatos Operários, que tem as seguintes conclusões:

1.º Protestar energicamente contra a ameaça do capitalismo imperialista do desencadear de novas guerras.

2.º Manifestar os seus propósitos de responder com a declaração de greve geral revolucionária, a qualquer mobilização que, porventura, se tente levar a efeito.

3.º Saudar a Associação Internacional dos Trabalhadores pelo início de tão grandioso protesto internacional contra a pretensão dos interessados no derramamento de mais sangue, em holocausto aos insaciáveis interesses dos ambiciosos sem escrúpulos.

Uma conferência de Campos Lima

As conclusões da conferência de Campos Lima, que foi recebido com uma vibrante salva de palmas.

Principia por dizer que o facto da U. S. O. efectuar uma conferência após o comício, é porque reconheceu que, além dos protestos, era preciso algo mais, com mais conhecimentos, aprofundados as origens da guerra.

E necessário, sem dúvida, o protesto, para conter a propaganda patriótica; mas é indispensável também fazer-se a fria análise das causas, dos factos, para se ver até que ponto vão as possibilidades de resistência a uma nova carnificina.

Quanto a si, declara-se optimista. Campos Lima entra nos detalhes explicativos dos motivos porque foi possível a guerra de 1914 e agora não é a que se anuncia. Cita o incremento anti-militarista anterior à guerra; as satisfações fraternais e internacionalistas trocadas entre o proletariado francês, alemão, inglês, etc., que davam a impressão de que a uma declaração de guerra se sucederia uma insurreição popular — para depois constatar que, contra o que se esperava, se deu o arrelhecimento da social-democracia alemã, reputando-a de traidora.

Quem teve interesses na guerra? A burguesia capitalista alemã não tinha naquele momento interesse no desencadear da guerra: reunida nas proximidades da sua eclosão, lavrou o seu protesto contra ela, desejando que a paz não fosse quebrada, porque, aproveitando-se do livre comércio inglês, lá, pacificamente, infiltrando a sua indústria nos próprios mercados ingleses.

Mas, infelizmente, na Alemanha não havia só a classe capitalista, mas uma outra imbuída de um espírito militarista e imperialista.

O império alemão estava a esborçar-se, os partidos na Alemanha não tinham consistência. O que hoje sucede, entre nós, dentro do partido democrático, sucedia nos partidos alemães, incluindo o social democrático, havendo a extrema esquerda, a direita e o centro a gloriarem-se.

A mesma desagregação se notava no império, e daí a propaganda da guerra para que todos se redimsem à volta do kaiser e o império se tornasse, portanto, mais forte.

Os interesses da Rússia czarista

Depois de outras considerações demonstrativas de que foi o espírito imperialista e militarista que predominava em outras classes superiores à burguesia capitalista alemã, o verdadeiro veículo da guerra — refere-se à situação da Rússia, cuja indústria também não queria a guerra. Que interesse tinha a indústria russa, se ela era balbuciante e subsidiária da Alemanha, não podendo, pois, expandir-se para outros mercados? Na Rússia havia um plano militar de defesa, que consistia principalmente na construção de caminhos de ferro, a qual levaria dois anos. A Rússia, portanto, convinha-lhe retardar a guerra. Mas se a Rússia lhe convinha retardar a guerra, a Alemanha convinha-lhe apressá-la, visto que encontraria a Rússia desarmada, o que se daria o contrário passado dois anos.

Quanto à França, depois de admitir a hipótese de que talvez predominasse no capitalismo um desejo de expansão industrial, afirma, contudo, que não tinha a convicção, a noção exacta das suas responsabilidades, a consciência da sua atitude. Podem observar-lhe que tinha a convicção da entrada da Inglaterra na guerra. Não, ele não tinha tal certeza.

O fracasso da social democracia

Só a Alemanha, pois, é que tinha a certeza da sua força, dos seus actos, das suas possibilidades de vitória. Só o partido social-democrático é que poderia impedir a guerra, mas ele criminou-se na traição vergonhosa. E então que reconheceu que abrir alas à passagem das tropas alemãs, era dar o predomínio ao Kaiser, como se amanhã as abrissemos às tropas espanholas, era dar o predomínio a Rivera. E contra isso todos nós nos oprimos.

Alude depois à decepção que sofremos a seguir à guerra de «civilização» e de «liberdade», visto que se sucedeu uma maior escravidão; às afirmações de Kaustky, que nunca deveria ter a concepção de que a social-democracia entrava na guerra para facilitar a revolução social, visto que seria impossível o seu socialismo de Estado, autoritário, poder reorganizar imediatamente a indústria, e à surpresa eleitoral que deu o triunfo a Hindenburg.

Aborda a propaganda feita por Trotski a favor da paz separada; a queda de Krenski; a sanção da dita paz separada; a invasão dos alemães e austríacos na Ucrânia, seguindo-se o restabelecimento da propriedade agrária — para criticar, a seguir, o poderio que se estabeleceu na Rússia, o qual, em vez de socializar as terras, estatizou-as, destruindo o espírito de iniciativa popular, a espontaneidade das camadas trabalhadoras, porque a revolução francesa: quem triunfou foi a social-democracia e não os operários e camponeses. Quem prepondera nos soviets são os dirigentes socialistas e para se conservar esse predomínio é preciso o militarismo.

O que de facto há, é isto: na Alemanha, a queda do kaiser; na Rússia, a queda do czar.

Alude também à heroica revolta da Ucrânia, impregnada dum espírito libertário; explica como Macno, ao libertar as regiões camponesas, lhes dizia que as suas tropas revolucionárias não queriam subjugá-las, mas apenas estavam em boas relações para a defesa da sua liberdade; e historicamente o modo brutal como as tropas soviéticas esmagaram a revolução da Ucrânia.

Campos Lima termina por demonstrar a crença de que uma nova guerra não é tão possível como a de 1914. Agora não se trata duma guerra de liberdade: já desapareceu a ária do perigo alemão.

O orador foi no final entusiasticamente aplaudido.

Em Reguengos de Monsarraz

REGUENGOS DE MONSARRAZ, 4.—Realizou-se na sede dos sindicatos desta vila uma sessão de protesto contra a guerra que esteve regularmente concorrida.

Falaram entre outros os camaradas Bernardino. Falé que fez uma breve exposição sobre os fins da reunião e o camarada João Caldeira que se espraou em considerações afirmando e demonstrando que a pesar-de todos os esforços que a burguesia tem feito para impedir que o operário tome conta dos seus destinos, tal não tem conseguido, pois cada dia mais se afirma a personalidade social dos que trabalham.

E já velho, diz, e portanto muitos se admiravam porque é que, a quem a guerra já não pode atingir se apresente a propaganda a paz.

E que a pesar-dos anos, comove-se com todas as injustiças; pacifista de sempre de há muito já que vem fazendo guerra à guerra.

No fim foi aprovada por unanimidade a seguinte moção:

Considerando e constatando que nas alturas da diplomacia internacional se prepara uma nova guerra;

Considerando que hoje só o operariado unido nacional e internacionalmente pode obstar a que a humanidade seja vítima dum novo crime; resolve:

Preparar-se para, na medida das suas forças, impôr-se à tentativa dum nova carnificina, e dar todo o apoio à C. G. T. em qualquer movimento que tenha necessidade de realizar para impôr a paz.

Em Souzel

SOUZEL, 5.—A Associação dos Trabalhadores Rurais de Souzel realizaram uma importante sessão pública de protesto contra a guerra e forças vivas. Decorreu com bastante entusiasmo, encerrando-se aos vinhos à Liberdade e à Terra Livre.—E.

Bolsa de Trabalho e Solidariedade da Construção Civil

O delegado deste organismo procurou ontem o presidente da Junta Autónoma das Obras da Maternidade para saber se já tinha autorização para levantar a verba de 1.500 contos para continuação daquelas obras, colhendo a resposta de que já havia autorização e que na próxima sexta-feira iria levantar o dinheiro para o que, esta semana ainda, falaria com o engenheiro da obra sobre a sua reabertura.

Ficou também combinado que na próxima segunda-feira o delegado e o secretário do conselho técnico o procurarem para saberem o que foi passado com o respectivo engenheiro e tratar-se o mais rapidamente possível da reabertura da obra.

O delegado procurou também, no Parlamento, o presidente do conselho e ministros do comércio e finanças para tratar do licenciamento dos operários das obras do Estado, não sendo possível entrevistá-los por motivo de o não poderem atender.

Novamente o delegado, hoje de manhã procurará essas entidades.

CRISE DE TRABALHO E BAIXA DE SALÁRIOS

Manipuladores da pão

Reunidos em assembleia magna para se ocuparem da baixa de salários, apreciaram a forma como mentiram os directores da Companhia Nacional de Alimentação, numa reunião que tiveram com o governador civil, dizendo que só eram baixos os salários dos recém-admitidos, quando já se têm feito transferências só com o fim de baixar o salário aos transferidos.

Convidam-se os operários a quem pretendem baixar os salários a não os receberem e a darem o seu nome no sindicato, a fim de se instaurar processo no tribunal de arbitros ardores.—A Comissão Administrativa

HORARIO DE TRABALHO

O pessoal da fábrica de Arcozeiro continua trabalhando 10 horas e meia

ARCOZEIRO, 1.—Inúmeras vezes temos afirmado nestas colunas que o pessoal da fábrica de Arcozeiro, constituído na sua maioria por mulheres, continua a trabalhar 10 horas e meia por dia e está sujeito ainda a uma disciplina revoltante e insuportável. A gerência da referida fábrica tem feito ouvidos de mercador aos nossos justos comentários e responde ao queixume dos seus operários ou com a ameaça de despedimento ou com a baixa de salários, atitude que, sob todos os pontos de vista, é aviltante.

Noventas criaturas estão, de há muito, sacrificando-se em benefício duma empresa que nada se incomoda com a sua situação miserável; novecentos operários, famélicos pelos misérrimos e irrisórios salários que auferem por um trabalho extenuante, são obrigados a um esforço superior ao que manda as suas forças e, sobretudo, ao que expressamente determina a lei, a lei que neste país é esbarapada por aqueles que tinham o imperioso dever de a fazer cumprir; novecentos proletários, estiolam-se numa labuta constante, durante toda a vida, para mais tarde se verem a braços com a miséria, com a fome negra e insuportável.

Mas... convencer-se-há o pessoal da fábrica de Arcozeiro que a sua atitude de delinquência até aqui tomada na defesa das suas regalias poderá continuar? Mas... estará a fábrica de Arcozeiro na disposição de matter o horário de 10 horas e meia, desrespeitando as leis do país e prejudicando uma legião de trabalhadores? E' o que vamos ver.

O pessoal agita-se e toma resoluções

Em consequência do que acima fica dito, a maioria do pessoal da fábrica de Arcozeiro solicitou do sindicato dos têxteis de Gaia a sua colaboração no sentido de obrigar a gerência da referida fábrica e as autoridades ao cumprimento do horário de 8 horas, em vigor.

Para dar cumprimento a esta deliberação, no dia 25 de julho passado vieram a esta localidade dois delegados que foram recebidos pela gerência com toda a gentileza, diga-se a verdade, mas que com evasivas explicou que o seu pessoal trabalhava 8 horas, muito contente, muito satisfeito e muito feliz.

Em virtude das declarações da gerência e de harmonia com os desejos da maioria do pessoal, os dois delegados em questão resolveram realizar um comício que teria lugar no largo da fábrica, onde se trataria do importante assunto.

O pânico da gerência — O delegado do governo, pretextando razões de... ordem pública, proíbe o comício

Nesta altura, todo o pessoal se anima para a conquista das suas regalias e o pânico na gerência é manifesto.

Al delegado do governo em Gaia foi solicitada, seguidamente, autorização para a realização de um comício que se efectuariá hoje, ao largo do trabalho. A comissão que se avistou com o delegado do governo fez-lhe sentir a necessidade que havia no cumprimento do horário de 8 horas de trabalho e que para pôr o pessoal ao corrente das suas deliberações precisava realizar o comício. O delegado do governo não só não deu autorização para a realização do comício como ainda deu ordens severas às autoridades para reprimir qualquer manifestação à saída do pessoal.

O pessoal encontra-se agitado — Uma greve?

Em consequência do que acima fica relatado o pessoal encontra-se excitadíssimo e, no caso da gerência persistir na irreductibilidade do cumprimento do horário das 8 horas, estão na disposição de se declararem em greve. Veremos, pois, no que tudo isto dá. — C.

As disposições legais

A secção editorial de *A Batalha* acaba de editar, em folheto, o decreto 5.516, de 7 de Maio de 1919 e respectivo regulamento publicado no *Diário do Governo* de 20 de Maio sobre o horário de trabalho, sendo o seu preço avulso de \$50.

Aos sindicatos que desejem adquirir quantidade far-se-há um abatimento de 50 por cento em pacotes de 50 folhetos.

Pedidos à administração de A BATALHA.

Secção Telegráfica

C. G. T.

Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e Solidariedade

Portimão.—U. S. O.—Vai ser respondido em officio às perguntas formuladas ao delegado da C. G. T., quando ali esteve.

Federações

MOBILIARIA

Comité de Propaganda Confederal de Coimbra.—Vosso officio será presente ao conselho federal de amanhã.

Ponte de Sôr.—M. S.—Recebido o officio. Entendido.

Delegação Federal do Norte.—Segue resposta ao officio enviado.

TANOARIA

Sindicato dos Mecânicos de Lisboa.—José Rodrigues, deve vir amanhã à Federação pelas 19 horas sem falta para um assunto urgente.

JUVENUTDES SINDICALISTAS

Secretário do «Despertar».—Passa hoje pela C. G. T.

PROPAGANDA SINDICAL

Reguengos de Monsarraz

Na sede do Sindicato da Construção Civil, no passado dia 3, o camarada João Caldeira, delegado da Federação da Construção Civil, fez uma interessante palestra sobre organização sindical, com geral agrado de uma assistência numerosa.

Vão-se enviar esforços no sentido de realizar mais palestras tendentes ao levantamento moral dos operários desta região.

II Congresso dos Trabalhadores do Livro e do Jornal

Reuniu a comissão organizadora, tendo apreciado, em definitivo, vários trabalhos; já elaborados, resolvendo que todos os trabalhos a apresentar ao Congresso sejam publicados em *O Gráfico*, com a antecedência necessária, para poderem ser apreciados pelas assembleias dos vários sindicatos, e para que os seus delegados os possam estudar de forma a estarem habilitados a pronunciarem-se sobre eles.

Apreciou um officio da Liga das Artes Gráficas do Porto, e em conformidade com o mesmo resolveu instar com o Conselho inter-federal para enviar o mais breve possível os seus trabalhos, a fim de poderem ser coordenados com os que estão em preparação.

Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e Solidariedade

CONSULTAS JURÍDICAS

Hoje, pelas 21 horas, realizam-se consultas jurídicas pelos advogados dros. Sbral Campos e Campos Lima, a todos os confederados que delas necessitem, bastando para isso a apresentação da caderneta, em dia.

Excursão a Sintra para auxílio das Escolas da Construção Civil

A excursão que estava anunciada para a Senhora da Rocha e Linda-a-Pastora, promovida pela comissão das escolas da sede do S. U. da Construção Civil passa, por motivos imprevistos, a realizar-se para Sintra no dia 23 do corrente.

Promete ser um belo passeio de confraternização operária, pois entre outros atractivos toma parte no mesmo a banda da Academia Filarmónica Verdi e o grupo de bandolistas o «Cravo».

Os bilhetes já se encontram à venda no continuado da sede ao preço de \$800 cada.

Um almoxarife provocador

Pedem-nos a publicação da seguinte carta:

Camarada redactor.—Como operário sindicado da construção civil, venho rogar-lhe a fmeza de me publicar o seguinte:

Como avançado, cumprindo assim um dever, tenho por vezes pegado em armas para defesa da República, julgando-me, por consequência, com autoridade para verberar os actos daqueles que, traindo a causa, exorbitam das suas funções.

Trabalhando há anos nas obras do Palácio Nacional da Pena, em Sintra, critica-via há dias, por ser escandalosamente notórios, junto de outros camaradas, os abusos que vem cometendo o almoxarife daquele palácio, sr. José do Nascimento.

Como quer que, casualmente, aquele senhor passasse pelo local onde nos encontramos e escutasse o que se dizia a seu respeito, num acto violento e injusto, que nem em terra de pretos teria justificação, puxou duma pistola e apontando-ma, intimou-me a abandonar a obra imediatamente, ao mesmo tempo que me adjectivava duma forma mais que inconveniente.

Não parou, porém, aqui, o seu rancor, porque procurando em seguida o mestre da obra, expoz-lhe o caso a seu modo, dando assim origem não só a que eu fosse despedido como a que, decorridos dias, fosse encerrada as obras e lançados na miséria vários chefes de família.

Tendo em vista tão insólita quanto desumana violência, eu pretendo por intermédio de *A Batalha*, chamar para o assunto a atenção do sr. ministro das Finanças, informando-o conjuntamente do seguinte:

E' habitual o almoxarife do Palácio da Pena utilizar-se das salas do Palácio para vários festins com amigos e conhecidos.

E' certo, o sr. José do Nascimento ter numa dependência do mesmo Palácio, uma venda de postais, queijadas, refrescos, etc., o que não só é incompatível com o seu cargo como também com a sua qualidade de comerciante falido.

E' verdade que, com manifesto desprestígio do lugar que ocupa e das instituições que ali representa, intervém, por vezes, directamente na venda dos seus artigos, sobretudo quando o Palácio é visitado por estrangeiros.

Por considerar o que acima digo desprezioso e vexatório é que, num momento de revolta, aliaz justificável, verberava o procedimento do sr. José do Nascimento. Agradecendo a publicação de desejo-vos saúde.

José RODRIGUES

Pedreiro

PRESOS DOENTES

Os presos Hilário Gonçalves e José da Silva que se encontram na esquadra do Caminho Novo estão sofrendo presentemente duma moléstia perigosa.

Foram já vistos por dois médicos que declaram ser grave e contagiosa a doença. Urge que a esses presos seja ministrado o tratamento devido, que em vão esperam há uns poucos de dias, para que os restantes presos não venham a sofrer dentro em pouco da mesma moléstia.

Contra a guerra

Conferências

Como defender uma pátria?

Sób este tema realiza-se hoje, pelas 21 horas, na sede da secção sindical de Palma, rua da Beneficência, 213, 1.º, uma conferência pública por Manuel Henriques Rijo.

A depravação do caracter pela influência militarista

Também sob este tema realiza-se amanhã, pelas 21 horas, na sede da Associação de Classe dos Corticeiros, rua de Marvila, 57, 1.º, uma conferência pública.

E' conferente o camarada António de Sousa.

Vida Sindical

COMUNICAÇÕES

Pessoal Menor dos Teatros e Cinemas.—A comissão nomeada para tratar da criação de um cofre de resistência deve effectivar, segundo resolução dos corpos directivos, um desafio de futebol, cujo produto se destina a esse fim, e sarau literários e musicais para confraternização do pessoal dos teatros.

Sindicato da Construção Civil.—Secção Sindical de Belém.—A assembleia geral que na p. p. terça-feira se devia ter realizado, ficou transferida para dia que oportunamente se comunicará aos sócios, por avisos directos. Este adiamento é devido à conferência que o camarada José Carlos de Sousa realizou na sede desta Secção.

Encadeadores e Anexos.—Reuniu a comissão administrativa que resolveu realizar uma assembleia geral em 23 de Agosto com a seguinte ordem de trabalhos: 1.º Apreciação da circular n.º 49 da C. G. T. sobre o Congresso Confederal e nomear delegado ao mesmo; 2.º Uma circular da F. L. J. sobre o Congresso Gráfico e nomear delegado ao mesmo; 3.º Assuntos vários.

Sindicato Unico Metalúrgico.—Secção de Belém.—Reuniu a comissão administrativa que apreciou um officio da comissão organizadora do conselho técnico, tendo resolvido convocar a assembleia geral para a próxima terça-feira.

Litógrafos e Anexos.—Reuniu a assembleia geral. Foi resolvido contribuir com a quantia de 50000 para trabalhos iniciais do Congresso Gráfico, conforme o desejo da comissão organizadora do mesmo. Em seguida foi aprovado o relatório dos delegados que foram a Setúbal tratar do horário de trabalho.

Foi também aprovada uma proposta, dando todo o apoio aos delegados deste organismo a F. L. J. para tratarem dos assuntos que relatarem à assembleia.

Devido ao adiamento da hora foi aprovado um requerimento para que se prosiga na mesma ordem dos trabalhos, amanhã pelas 20 horas prefixas.

CONVOCAÇÕES

REUNEM HOJE

Sindicato Unico Metalúrgico.—As especialidades de Torneiros de Metais, Ourives e Lateiros, para nomeação de três delegados ao conselho técnico e de melhoramentos, respectivamente pelas 20, 21 e 22 horas.

—A Comissão Administrativa, pelas 20,30 horas.

Manipuladores de pão.—Em assembleia magna, pelas 14 horas, os caixeiros de padarias, devendo comparecer a comissão de melhoramentos.

Corticeiros de Belém.—A assembleia geral, com a seguinte ordem de trabalhos: 1.º Apreciação de um officio da firma João Alvarez; 2.º Apreciação a baixa de salários que os industriais querem impôr aos operários desta área; 3.º Outros assuntos. Pede-se a comparencia dos camaradas que trabalhavam na firma João Alvarez e assim como todos os sem trabalho.

Carpinteiros Navais.—A assembleia geral, pelas 17 horas.

Empregados de Escritório.—Prosegue hoje, pelas 21 horas, a assembleia geral com a mesma ordem de trabalhos.

Sindicato da Construção Civil.—Conselho Técnico.—Ns 21 horas, a comissão administrativa.